



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 17/11/2017

GLOBAL	2
COP 23 - FAO advierte que es posible una ganadería “más verde”.....	2
BRASIL	2
Mercado con precios firmes en una semana reducida.....	2
RUSIA elevó el tono de amenazas después de las medidas adoptadas.....	2
Falta de lluvias lleva a prever terneros más flacos y con un costo superior	3
Incremento en animales confinados superó las proyecciones.....	3
Demanda de hacienda se ha diversificado.....	4
Fin de vacunación contra la aftosa genera críticas	4
Ganadería está ingresando en una fase de madurez	6
Brasil demostró tecnología agropecuaria de baja emisión de carbono en COP 23.....	6
URUGUAY	7
Novillo gordo quiebra la barrera de los US\$ 3 Algunas industrias ya proponen pagos de US\$ 2,80 por kilo.....	7
FOICA se declaró en “conflicto” con todos los frigoríficos del país.....	8
MTSS procura solucionar el conflicto en el Frigorífico Solís	8
Un paro sumamente inoportuno	9
Preocupan rechazos de envíos puntuales de carne a la UE	9
Ganado en pie exportado se acerca al récord Fueron embarcados 246.604 vacunos	10
Jorge Dimu: “Brasil está demandando carne vacuna de alta calidad”	10
PARAGUAY	11
Chile, el principal mercado	11
La cada vez más notoria disminución del stock bovino empieza a preocupar	11
Hong Kong sigue en expectativa	12
UNIÓN EUROPEA	12
Acuerdo UE – Mercosur: se complete una nueva ronda de negociaciones	12
Ganaderos irlandeses urgen a no aceptar el acuerdo con Mercosur	12
ESTADOS UNIDOS	13
Producción de carnes bovinas alcanzará un récord en 2018	13
OMC falló a favor de EE.UU. en su disputa con INDONESIA por el ingreso de carnes bovinas	13
Crece las importaciones un 5 por ciento en septiembre	14
Alto precio limita las exportaciones de carne vacuna de EE.UU. a China.....	14
COREA DEL SUR flexibiliza el control establecido luego de confirmar un caso atípico de BSE	15
Acción de promoción en LITUANIA	16
Brote de Salmonella se vincula a terneros lecheros	16
NUEVA ZELANDA- OMC rechazó la apelación de INDONESIA	17
EMPRESARIAS	17
JBS cerró el tercer trimestre con un beneficio económico de R\$ 323 millones	17
JBS ve espacio para mejora de márgenes en 2018	18
Marfrig mejoró su resultado económico en el tercer trimestre y redujo sus pérdidas.....	18
Marfrig espera habilitar más establecimientos para exportar a China	18
Marfrig: queremos vender carne con marca.....	19
Frigol pone en marcha planta en Goiás	19



GLOBAL

COP 23 - FAO advierte que es posible una ganadería “más verde”

15 November 2017 GLOBAL - The agricultural sectors are where efforts to end hunger and prevent planetary overheating can come together, and improving livestock supply chains is a fast way to start, FAO Director-General José Graziano da Silva said.

"Low carbon livestock is possible," he said on the margins of the Conference of the Parties (COP23) to the United Nations Framework Convention on Climate Change.

Agriculture accounts for a large share of greenhouse gas emissions but is also the "most exposed of all economic sectors to the effect of climate change," Mr Graziano da Silva said.

According to FAO, he noted that adverse effects disproportionately burdened the world's poorest and most vulnerable people, most of whom live in rural areas relying on farming, forestry and fisheries for their livelihoods.

He spoke at a side event held by the Climate and Clean Air Coalition, a voluntary partnership of 122 governments, intergovernmental organizations and non-governmental organizations committed to improving air quality and protecting the climate through actions to reduce short-lived climate pollutants.

Short-lived climate pollutants such as methane, hydrofluorocarbons and soot can provide for up to 0.9 degrees Celsius in avoided warming by 2050, making a significant contribution to the target of the Paris Agreement, according to CCAC.

Methane and mitigation

Almost two-thirds of the poorest rural households raise and rely on livestock.

"With improved and climate-smart practices, we can quickly achieve more sustainable, 'greener' livestock supply chains," Mr Graziano da Silva said.

Reducing enteric methane emissions is one of the most cost-effective climate change mitigation strategies, linking it to increased productivity and improved food security is a natural and urgent action, he said.

Readily available practices in livestock feeding and manure management, along with better use of technologies such as biogas generators, could help the livestock sector cut its GHG output by up to 30 per cent, he noted.

Short-lived climate pollutants carry greater global warming potential, and reducing them has an accelerated impact compared to carbon dioxide.

Greening the livestock sector can lead to "fast wins while contributing to adaptation, sustainable development and food security", Mr Graziano da Silva added, noting that FAO and its partners stand ready to assist countries worldwide to achieve such wins.

FAO is working with the Climate and Clean Air Coalition on reducing enteric methane emissions in Latin America, South Asia and sub-Saharan Africa.

TheCattleSite News Desk

BRASIL

Mercado con precios firmes en una semana reducida

Sexta-feira, 17 de novembro de 2017 - Apesar do feriado da última quarta-feira (15/11), ontem (16/11) o mercado foi marcado pelo bom volume de negócios e pelas ofertas de compras firmes.

O menor volume de boiadas e o encurtamento das escalas de abate, é o quadro vigente na maioria das praças pecuárias.

Em Marabá-PA, por exemplo, a escala de abate atende a dois dias.

Na região, a arroba do boi gordo está cotada em R\$131,50, à vista, livre de Funrural. Essa oferta de compra representa uma alta nesta semana de 1,9%. Não é incomum negócios fechados acima dos valores de referência.

Com relação ao consumo de carne bovina, o cenário também é de preços firmes. O boi casado de bovinos castrados está cotado em R\$9,46/kg. Na comparação com o início do mês, contabilizamos uma alta de 2,5%.

No mercado externo o cenário também é positivo, caso o ritmo da exportação das duas primeiras semanas de novembro continue até o final do mês, o volume exportado poderá ser 66,2% maior que o de novembro de 2016.

RUSIA elevó el tono de amenazas después de las medidas adoptadas

Fonte: Valor Econômico, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 16/11/17 - por Equipe BeefPoint

Em meio à pressão pela abertura dos mercados brasileiros de trigo, carne bovina e pescados, a Rússia ameaçou publicamente proibir todas as importações de carne suína e carne de frango do Brasil, em uma



disputa que pode significar uma perda anual superior a US\$ 1 bilhão. Entre janeiro e setembro deste ano, os embarques das duas carnes aos russos renderam US\$ 941 milhões, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex).

Uma porta-voz do serviço sanitário russo informou que o órgão considera embargar os produtos brasileiros devido à suposta detecção do promotor de crescimento ractopamina. O produto é proibido pela Rússia, mas seu uso é permitido em diversos mercados. No Brasil, sua utilização é permitida na produção de suínos mas proibido na de gado bovino.

Embora o Ministério da Agricultura e os exportadores brasileiros ainda não tenham recebido notificação sobre a detecção de ractopamina, o recado russo é encarado como mais uma forma de pressão para o Brasil acelerar o processo de abertura dos mercados de pescados, trigo e carne bovina. Há duas semanas, os russos já haviam dado um sinal, com o embargo de unidade do Mataboi, em Goiás, e controle reforçado em outras plantas.

Diante do risco de perder um mercado que representa 40% das exportações brasileiras de carne suína e 11% das de carne bovina, o Ministério da Agricultura tem buscado atender à parte dos pleitos russos, mesmo que à revelia das recomendações de sua área técnica.

O Ministério da Agricultura enviou carta aos russos dizendo que autorizaria a entrada de trigo do país mesmo com as chamadas pragas quarentenárias (que não existem no Brasil). Mas a medida ainda precisa ser formalizada juridicamente.

Na semana passada, o secretário de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura, Luís Eduardo Rangel, previu que isso aconteceria nos “próximos dias”. Procurado novamente ontem, Rangel disse que as tratativas estão “indo bem”.

Nos casos de carne bovina e pescado, o secretário não deu prazos para liberação. Segundo ele, o fato de haver focos de febre aftosa na Rússia faz o ministério avaliar com cuidado a demanda de Moscou. “Estamos concluindo os registros dos produtos de carne bovina dos russos, mas os certificados devem observar as questões de aftosa”, disse.

Falta de Ilúvias Ileva a prever terneros más flacos y con un costo superior

17/11/17 - por Equipe BeefPoint O atraso do período chuvoso neste ano deve ter consequências de longo prazo para os pecuaristas que fazem as atividades de cria e recria de bovinos, afirma o presidente da Comissão de Pecuária de Corte da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg), Maurício Negreiros Velloso. “Vamos ter bezerros mais leves chegando ao mercado”, disse Velloso a jornalistas, no Intercorte 2017, em São Paulo.

Segundo Velloso, as chuvas tardias atrasaram o período de monta neste ano em cerca de dois meses, levando a atividade para os meses de dezembro/2017 a janeiro/2018. Conseqüentemente, das vacas que emprenharem vão nascer animais do fim de 2018 ao início de 2019.

Sendo assim, esses recém-nascidos vão atingir a desmama entre o fim do período de águas e início da seca. “Vão ser mais leves e tardios”, diz.

Segundo Velloso, pecuaristas vão ainda ter de desembolsar mais com gastos em suplementação de vacas e bezerros, com o atraso da oferta de pastagem. “Quem faz cria, recria e engorda precisa ter um planejamento de longo prazo”, afirmou.

Incremento en animales confinados superó las proyecciones

14/11/17 - por Equipe BeefPoint Apesar das variações no mercado do boi gordo em 2017, os produtores mato-grossenses apostaram na recuperação e confinaram 694,15 mil animais no ano. Os dados foram apresentados pelo último levantamento realizado em novembro e apontam aumento de 12% em comparação como total confinado em 2016.

A Associação dos Criadores de Mato Grosso (Acrimat) analisa que os resultados do levantamento do Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária (Imea) foram coerentes com o comportamento do mercado ao longo do ano. O primeiro levantamento, realizado em abril, apontou que a expectativa dos confinadores era engordar 701,85 mil animais. Em julho, após as oscilações nos preços, a intenção caiu para 645,72 mil. O fechamento do ano com 694,15 mil animais demonstra que a recuperação do preço da arroba e baixo custo com a alimentação dos animais pesaram no final.

O diretor-executivo da Acrimat, Luciano Vacari, explica que os produtores estão analisando melhor o mercado antes da tomada de decisão. “O pecuarista está mais maduro, preparado e tecnicamente instruído. As análises de mercado guiaram o setor e somente após demonstrar uma ligeira recuperação, os confinadores retomaram os investimentos”.

Ao longo do ano, o preço da arroba variou de R\$ 135 a R\$ 110, provocando incertezas. Após políticas para recuperação de mercados fechados após a Operação Carne Fraca, sobre corrupção no setor de fiscalização sanitária, e para fortalecer o mercado interno após denúncias envolvendo uma grande empresa do setor frigorífico, o setor conseguiu retomar parte das desvalorizações.



Vacari cita que desde o trabalho do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) para vender a qualidade da carne brasileira, até as ações locais, como adesão do estado ao Sistema Integrado (SISBI) e redução da alíquota do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) para abate em outros estados, contribuíram para garantir a permanência dos produtores na atividade.

Para o Imea, o principal fator para o incremento no total confinado foi o baixo custo. “Este aumento foi causado, principalmente, por um menor custo com alimentação. Ainda assim, o produtor que precisou negociar durante o segundo quadrimestre deste ano se viu à frente de uma receita abaixo do esperado, em comparação com quem negociou no final do ano”, traz o boletim do instituto.

Variação

Das sete regiões pesquisadas pelo Imea, em três delas houve aumento no número de animais e em quatro o total caiu entre 2016 e 2017. A região que mais confinou foi a sudeste mato-grossense, com 179,5 mil animais, 53 mil a mais que no ano anterior. A região que mais variou, entretanto, foi a nordeste, com aumento de 57,4 mil animais, passado de 35 mil para 92 mil.

Entre as regiões com maior queda, o centro-sul reduziu em 25 mil o número de bois engordados no cocho e fechou 2017 com 107 mil animais confinados. Também houve redução nas regiões norte, com 10 mil a menos, oeste, onde a queda foi de nove mil, e no noroeste, com ligeira redução de 850 cabeças.

Este ano, o número de animais negociados antecipadamente, por meio de termo ou bolsa de valores, não chegou a 10% do total confinados. Apesar das instabilidades no mercado, houve pouca utilização do hedge (travamento de preço antecipadamente).

De acordo com o levantamento do Imea, 2,2 dos animais tiveram o preço fechado por meio de contrato a termo e 5,8% foram comercializados na BMF&Bovespa. Esse 8% do total confinado, porém, está quase 40 pontos percentuais abaixo do que foi negociado antecipadamente em 2016, quando 36,4% dos animais foram comercializados a termo e 6,4% na bolsa.

Demanda de hacienda se ha diversificado

17/11/17 - por Equipe BeefPoint Os eventos que abalaram o mercado pecuário no primeiro semestre deste ano, atingindo diretamente a maior indústria do segmento, a JBS, provocaram uma diversificação no setor, afirmam criadores. “Para quem é de São Paulo, enxergamos hoje mais opções para entregar gado”, afirmou Oswaldo Furlan Jr., coordenador do Grupo Pecuário Bauru (GPB).

Ele afirma que, ao longo do ano, frigoríficos de médio e pequeno portes ganharam mais espaço tanto na venda de carne no atacado, como na compra de gado com pecuaristas. Ele cita o Barra Mansa, de Sertãozinho, em São Paulo, e o Better Beef, de Rancharia, ambos no interior de São Paulo, como exemplo.

O presidente da comissão de Pecuária de Corte da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg), Maurício Negreiros Velloso, afirma que, em Goiás, o mercado também está mais diversificado este ano e que houve mudanças na forma de comercialização de gado. “Antes era mais raro e agora parece estar mais consolidada a venda do tipo ‘paga e leva’”, afirmou.

Segundo ele, frigoríficos menores chegam a pagar até R\$ 2/arroba a mais do que o preço do mercado e à vista, o que acaba ganhando a preferência do pecuarista. Para ele, a diversificação do mercado é uma tendência que deve se manter no próximo ano.

No Estado de Goiás, o paulista Frigol acaba de arrendar uma unidade que estava desativada da Rodopa Alimentos, Cachoeira Alta (GO), que vai dar mais opções de escoamento de animais aos pecuaristas locais.

Com a unidade, a Frigol aumenta em 25% sua capacidade de abate de bovinos, atingindo 60 mil cabeças/mês e 180 mil toneladas de carne/ano. A unidade, que estava desativada, processa carne resfriada e congelada, miúdos e subprodutos com capacidade para abater 600 bovinos/dia.

Fonte: Estadão, adaptada pela Equipe BeefPoint.

Fin de vacunación contra la aftosa genera críticas

13/11/17 - por Equipe BeefPoint Assunto ainda traumático para a pecuária gaúcha, a febre aftosa volta a preocupar os produtores do Rio Grande do Sul – agora, não pela doença em si, mas pela possibilidade de retirada nacional da vacinação. Os governos federal e estadual já começaram a executar o projeto de erradicar a imunização dos animais até 2023 para atingir o status de País livre de aftosa sem vacinação. A ideia é colocar o Brasil em um novo patamar sanitário, o que, conseqüentemente, abriria mercados e valorizaria a carne nacional. Para os pecuaristas, porém, há mais riscos do que possibilidades comerciais com o fim da vacinação.

Apesar de parecer que ainda existe tempo de sobra para debater o caso, o tema é urgente. O Rio Grande do Sul tem até 2021 para se adequar e retirar a vacina do campo dentro do previsto pelo Programa Nacional de Erradicação e Prevenção da Febre Aftosa (Pnefa), lançado neste ano pelo Ministério da Agricultura. Mas o Estado quer antecipar a medida e, em 2018, fazer a última aplicação da vacina contra a febre aftosa nos campos gaúchos.



“Já solicitamos ao ministério uma auditoria específica para avaliar nossas condições para isso. Estamos com treinamentos constantes das equipes de campo e chamando novos fiscais agropecuários para monitoramento e fiscalização, especialmente na região das fronteiras”, explica o secretário estadual de Agricultura, Ernani Polo.

O secretário ressalta, ainda, que, em parceria com o Fundo de Desenvolvimento e Defesa Sanitária Animal (Fundesa), está concluindo a revitalização do Almoarifado Central da secretaria em Cachoeira do Sul com kits de emergência formados por equipamentos de proteção individual, embalagens para coleta e envio de amostras biológicas, equipamentos para barreiras de trânsito, desinfecção e outros produtos necessário para conter focos da doença de forma rápida, caso ocorram.

“Esse almoarifado fica estrategicamente na região Central do Estado, de onde podemos nos locomover rapidamente para qualquer local e fazer contenções, se for necessário”, diz Polo, destacando também que já há previsão de recursos do fundo para indenizações a pecuaristas que, por ventura, venham a ser afetados com o abate de animais.

A questão das indenizações, por sinal, é um dos muitos questionamentos e temores de entidades como a Associação dos Criadores de Angus. José Roberto Pires Weber, presidente da entidade, ressalta que os valores não pagariam as eventuais perdas genéticas, com animais de alto valor no mercado.

Em caso de ocorrência de um foco da doença, a legislação prevê uso do rifle sanitário e indenização dos animais sacrificados como ocorreu no traumático caso do município de Jóia, quando mais de 10 mil bovinos foram abatidos desta forma. “Se isso ocorre em uma propriedade de ponta, como as muitas que nós temos no Estado, os valores não pagariam os exemplares com elevado valor genético de reprodutores que carregam mais de 100 anos de melhoramento da raça”, diz Weber.

Na lista elaborada pela associação de criadores de angus com os argumentos contrários ao fim da vacinação está exposta boa parte dos temores dos pecuaristas gaúchos. As ponderações incluem desde a falta de confiança da continuidade das ações de prevenção e monitoramento necessárias para evitar o ingresso da doença nos plantéis (dado as muitas instabilidades políticas e econômicas e a escassez de recursos federais para manter o trabalho na extensa região de fronteiras do País) até problemas comerciais no mercado interno.

Como a vacinação seria feita em etapas, por regiões, em algum momento, diz o presidente da associação, produtores gaúchos não poderiam mais comercializar bovinos para uma grande parte do território nacional. Hoje, por exemplo, isso ocorre em Santa Catarina, zona livre de aftosa sem vacinação, onde gado vivo do Rio Grande do Sul é impedido de entrar.

“Mas esse é apenas um ponto específico do problema. Retirar a vacinação, como está sendo sugerido, é um risco imenso e que não trará grandes vantagens à pecuária brasileira”, alerta Weber.

Um dos riscos apontados pelo coordenador do Núcleo de Estudos em Sistemas de Produção de Bovinos de Corte e Cadeia Produtiva (Nespro), Júlio Barcellos, é o sistema de controle desmembrado e executado pelos estados, em um País continental como Brasil e com desigualdade muito grande. Mesmo admitindo que há pontos positivos na retirada da vacinação, Barcellos, afirma que o assunto é delicado. “É difícil ter certeza da continuidade e da estrutura que o País tem para manter o controle e a vigilância adequados. O nosso sistema é todo descentralizado, e há estados onde o serviço é terceirizado, inclusive. Sem contar a falta de recursos e as instabilidades brasileiras, que podem provocar descontinuidade no trabalho”, avalia Barcellos.

É principalmente no mercado externo que mira o Ministério da Agricultura ao propor o fim da vacinação. Negócios que beneficiariam, além da carne bovina, também as vendas de carne suína e até mesmo de frango para o exterior, diz o superintendente do Ministério da Agricultura no Estado, Bernardo Todeschini. Entre os países que tendem a abrir seus mercados estão, por exemplo, Japão e Coreia do Sul. “Os preços pagos por esses mercados pela carne que tem sua área livre de aftosa sem vacinação dobram em relação à média”, argumenta.

Sobre os argumentos de que o País não tem condições econômicas para sustentar um trabalho de controle nacional que mantenha o rebanho livre da doença, Todeschini afirma que os recursos hoje gastos para manter a vacinação passariam, automaticamente, a ser direcionados para reforçar a vigilância sanitária. São gastos com deslocamentos e diárias de servidores que acompanham e fiscalizam os trabalhos de vacinação, acrescentado, ainda, que o próprio produtor teria seu custo reduzido com a aquisição da vacina e mão de obra, por exemplo.

Weber afirma que esse custo da vacinação é baixo e já foi incorporado pelo criador e que os prejuízos com um possível contágio do rebanho são muito grandes frente ao custo da prevenção. Para o secretário da Agricultura do Estado, Ernani Polo, esse risco é significativamente menor do que há 17 anos, quando houve o abate em massa no município de Jóia. “As regras da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) para contenção, hoje, são de abate apenas localizado onde houver a confirmação da doença e em propriedades vizinhas. O produtor gaúcho ainda tem o trauma do ocorrido em 2000”, argumenta.

Polo diz, ainda, que o Brasil já conta com sistemas de detecção rápidos, ajudando a evitar o contágio, o que não havia em 2000. Polo afirma que, com o Lanagro (Laboratório Nacional Agropecuário) dando



resultado para confirmar ou não uma suspeita em, no máximo, 24 horas, o risco de uma contaminação em massa é significativamente menor, já que é possível bloquear o avanço desde os primeiros sinais.

Fonte: Jornal do Comércio, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

Ganadería está ingresando en una fase de madurez

Fonte: ESTADÃO CONTEÚDO 16 de novembro de 2017 - Setor tem acumulado ganhos de produtividade e desenvolvimento, segundo Sergio De Zen

Ampliar foto Pecuária está em fase de amadurecimento, diz pesquisador De Zen diz ter medo de que anos como 2017 despertem a vontade de sair da atividade

O professor e pesquisador de pecuária do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), Sergio De Zen, afirmou que o setor vem em um processo de amadurecimento nos últimos anos, acumulando ganhos de produtividade e de desenvolvimento. "O setor veio de um processo de amadurecimento e consistência que precisa ser separado dessa turbulência deste ano. Tenho medo de que anos como este despertem aquela vontade de sair. Mas o negócio é bom", disse De Zen, durante palestra no Intercorte, nesta quinta-feira, 16.

Sobre as turbulências que afetaram o setor em 2017, De Zen disse que a perda de confiança no sistema produtivo ainda "não foi bem tratada". "Precisamos repensá-lo com cuidado, assustou todo mundo", afirmou. Ele falou ainda sobre o risco da concentração no setor. "Uma política de Estado concentrou a dependência em apenas um grande player que reduziu seu abate da noite para o dia", disse.

O diretor executivo da Associação Brasileira do Agronegócio (Abag), Luis Cornacchioni, disse que a agropecuária brasileira passa por uma fase importante, evoluindo para um patamar de digitalização no campo. "Mas precisamos vender isso melhor", disse. "Melhorar a imagem do agronegócio e da pecuária vai ser um desafio para os próximos anos e não vai ser pequeno", afirmou.

Brasil demostró tecnología agropecuaria de baja emisión de carbono en COP 23

Fonte: Embrapa, adaptada pela Equipe BeefPoint. 16/11/17 - por Equipe BeefPoint

O avanço da adoção de sistemas de integração lavoura-pecuária-floresta (ILPF) no país será ressaltado pela comitiva brasileira que participa da Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima, a COP 23. O evento teve início na última segunda-feira e irá até o dia 17 em Bonn, na Alemanha.

A ILPF é uma das tecnologias que fazem parte do Plano de Agricultura de Baixo Carbono (Plano ABC). De acordo com pesquisa encomendada pela Rede ILPF, o Brasil possuía em 2016 11,5 milhões de hectares com alguma configuração de integração de sistemas. O número, em crescimento, é dez vezes maior do que a área ocupada pela tecnologia em 2005.

O dado mostra ainda que o Brasil já cumpriu há três anos a meta estipulada pelo Plano ABC em 2009, que era de aumentar em 4 milhões de hectares a área com ILPF até 2020. Com o Acordo de Paris sobre Mudança do Clima, ratificado pelo governo brasileiro em 2016, entretanto, mais 5 milhões de hectares foram acrescentados à meta, com previsão de ser atingida até 2030.

Tecnologia sustentável

A ILPF é uma estratégia de produção que integra diferentes sistemas produtivos, agrícolas, pecuários e florestais dentro de uma mesma área. Podendo ocorrer com cultivo consorciado, rotacionado ou em sucessão, de forma que haja interação benéfica entre os componentes. Pode ocorrer com os três componentes (ILPF), ou com as combinações de dois a dois (ILP, ILF, IPF).

Entre as vantagens desse sistema produtivo estão a intensificação sustentável do uso da terra, a diversificação da produção, a geração de emprego e renda, a conservação do solo, o melhor uso dos recursos naturais e dos insumos, a redução da pressão pela abertura de novas áreas, o bem estar animal e também a mitigação das emissões de gases causadores do efeito estufa.

Como a ILPF se baseia em preceitos conservacionistas, como o plantio direto na palha, a rotação de culturas e a recuperação de pastagens, ela contribui para a maior eficiência produtiva e para aumentar a matéria orgânica no solo.

"Tanto a pastagem quanto a floresta acumulam uma grande quantidade de carbono no solo, que é retirada da atmosfera. De alguma maneira que ainda não conhecemos totalmente, os microrganismos do solo passam a consumir um volume maior de metano, principalmente nas áreas de eucalipto, seja em monocultura ou ILPF. Então a gente tem também o sequestro de metano. Com a melhor qualidade da forragem, o animal tem melhor digestibilidade e passa a emitir menos metano. Além disso, a redução do tempo de vida do animal faz com que ele emita menos durante a vida dele", enumera o pesquisador da Embrapa Solos e presidente do Conselho Gestor da Rede ILPF, Renato Rodrigues.

Outra contribuição da ILPF, explica o pesquisador, é que como o sistema resulta em aumento da produtividade dos três componentes, há uma redução da intensidade das emissões, taxa calculada pela relação entre a quantidade de quilos de carbono equivalente emitido e o volume em quilos de produto gerado.

Mitigação das emissões de gases



Estimativa feita pela Plataforma ABC, estrutura multi-institucional responsável pelo levantamento de dados sobre as emissões de gases de efeito estufa no setor agropecuário, indicam que entre 2010 e 2015 foram estocados 21,8 milhões de Mg de CO₂eq. Isso confirma que o objetivo estabelecido pelo Plano ABC para 2020, de ampliar em quatro milhões de hectares a adoção de sistemas ILPF, correspondendo ao sequestro de 18-22 milhões de Mg de CO₂eq, já teria sido alcançado.

O pesquisador Renato Rodrigues explica que o Plano ABC trabalha com o potencial de mitigação de 5 Mg de CO₂eq por hectare de sistemas ILPF. Entretanto, resultados preliminares de pesquisas indicam que esse valor pode ser ainda superior, chegando a 7 Mg de CO₂eq. Caso os dados se confirmem, a contribuição da ILPF será ainda maior para a redução das emissões de gases causadores do efeito estufa.

Financiamento internacional

Durante a segunda semana da COP 23, uma equipe da Rede ILPF, parceria público-privada criada há cinco anos com o objetivo de fomentar a adoção dos sistemas de integração lavoura-pecuária-floresta no país, estará junto ao Ministério do Meio Ambiente para divulgar a tecnologia brasileira e para buscar recursos internacionais para custear novas pesquisas sobre o tema e ações de transferência de tecnologia.

A agenda inclui reuniões com o Departamento de Meio Ambiente, Alimentação e Assuntos Rurais do Reino Unido (Defra), com a Embaixada do Brasil em Londres, com o Ministério do Meio Ambiente brasileiro e o Ministério Alemão da Energia e Mudança do Clima.

De acordo com Renato Rodrigues, o objetivo é apresentar um projeto chamado “Programa de Segurança Alimentar e Nutricional, Valorização do Campo e Tecnificação da Agricultura Tropical: ILPF, a alternativa para a agricultura do amanhã”.

A proposta, elaborada pela Rede ILPF, prevê ações para os próximos dez anos e busca captar 1 bilhão de dólares junto a instituições internacionais.

O programa é composto por oito eixos que englobam desde ações para certificação de propriedades que adotem os sistemas ILPF até ações que fomentem a assistência técnica e incentivem a adoção da tecnologia. Também entram no programa ações de comunicação e de valorização da agricultura brasileira e a transferência de tecnologias de ILPF para a África, América Latina e Caribe.

“A nossa ideia é implantar um milhão de hectares de ILPF dentro de um programa de certificação reconhecido internacionalmente até 2025. Com uma meta inicial de 300 mil ha até 2020, condicionada à captação de recursos internacionais. O que vamos buscar agora é fazer esses acordos internacionais por meio de green bonds (títulos verdes) para conseguir o orçamento total do programa”, afirma o pesquisador e presidente da Rede ILPF.

Realidade aumentada

Para facilitar o entendimento sobre o que são os sistemas de integração lavoura-pecuária-floresta (ILPF), suas diferentes configurações e os benefícios que trazem, a Rede ILPF desenvolveu um aplicativo que representa uma maquete do sistema produtivo em realidade aumentada.

A ferramenta, em versões inglês e português, será apresentada pela primeira vez durante a COP 23 e estará disponível para download nas lojas de aplicativo até o fim do ano.

Por meio dela, o usuário consegue ver todas as etapas de um sistema de integração, ver o que acontece no perfil do solo, a ciclagem de nutrientes, a dinâmica de água e de carbono, o aprofundamento de raízes, entre outras características do sistema.

Rede ILPF

A Rede ILPF é uma parceria público-privada criada em 2012 para fomentar a adoção dos sistemas de integração lavoura-pecuária-floresta no país. Fazem parte atualmente da Rede além da Embrapa, a Cocamar, Dow Agrosiences, John Deere, Parker e Syngenta.

Nesse período, a Rede apoiou a consolidação de 107 Unidades de Referência Tecnológica em todo o país e fomentou capacitações de agentes de assistência técnica e extensão rural, a realização de dias de campo, visitas técnicas, eventos técnicos-científicos, entre outras ações.

Atualmente a Rede ILPF está mudando sua estrutura jurídica para se transformar em uma associação. Com isso, novas instituições poderão aderir à iniciativa, ampliando as ações de transferência de tecnologia, comunicação e também de pesquisa.

URUGUAY

Novillo gordo quiebra la barrera de los US\$ 3 Algunas industrias ya proponen pagos de US\$ 2,80 por kilo

Noviembre 17, 2017 Por Blasina y Asociados, especial para El Observador

En apenas 15 días se desplomó el mercado para el ganado gordo. En el cierre de la semana algunas industrias proponen un pago de US\$ 2,98 por kilo carcasa para el novillo pesado, en tanto que la mayoría de los negocios se concretan a US\$ 3 por kilo y superar ese valor se ha convertido en algo excepcional.



Este ajuste se explica por el desbalance normal que se da en esta época del año, con oferta abundante. Por el momento, los productores se mantienen reacios a vender por debajo de US\$ 3 por kilo, pero en muchos casos la necesidad de "hacer caja" empuja a la venta. Otros, están optando por engordar los animales algún kilo más y lograr por allí la diferencia, ayudados por un clima que sigue óptimo para la ganadería.

En tanto, las entradas a las plantas industriales para novillos están más largas, en general para la primera semana de diciembre.

Para la vaca, con cargas algo más ágiles, los precios mostraron una baja menos drástica, con negocios que se concretan alrededor de US\$ 2,80 por kilo para animales pesados y algún centavo más se puede obtener para lotes especiales.

No se esperan cambios

"No hay elementos que permitan esperar cambios en estos precios en lo que resta de noviembre", apuntó un consignatario consultado. Según estimó, la oferta seguirá en ascenso y aunque la faena siga alta no será suficiente para impulsar subas en los valores. El conflicto sindical –debido a despidos en el Frigorífico Solís– por el momento ha incidido en menor medida en el mercado, consideró.

Faena elevada

La faena semanal de vacunos al sábado 11 de noviembre fue la más alta desde junio, totalizando 49.376 cabezas. Se estima que para la semana próxima rondará ese volumen. La participación de novillos en la faena fue, por tercera semana consecutiva, superior a la de las vacas (51,4% contra 46,6%). En el acumulado del año, hasta el 11 de noviembre, se faenaron 1.988.215 cabezas vacunas, lo que significa 4% más que el año pasado.

Exportación de carne vacuna arriba de US\$ 3.400

El precio de exportación de la carne vacuna sigue firme y supera la referencia de US\$ 3.400 por tonelada. A la semana cerrada el 11 de noviembre promedió US\$ 3.513, apenas 1% por debajo del gran salto de la semana anterior de US\$ 3.543 y 4 % por encima del mismo período de 2016.

En lo que va del año el promedio es de US\$ 3.424 por tonelada, apenas arriba (0,5%) de los US\$ 3.408 de igual período de 2016. El volumen exportado en el acumulado del 2017 es 381.773 toneladas, 5% más que las 363.519 toneladas enviadas en mismo período del año pasado.

FOICA se declaró en "conflicto" con todos los frigoríficos del país

14/11/2017 - Paro en Frigorífico Solís se extiende por tiempo indefinido, también prevén parar en el resto de las plantas del país.

Una vez finalizada la reunión entre autoridades del Ministerio de Trabajo, representantes de las industrias frigoríficas y de los trabajadores, la Federación de Obreros de la Industria de la Carne y Afines (FOICA) se declaró en "conflicto con todos los frigoríficos del país", aseguró a Rurales El País Luis Muñoz, secretario general de la gremial.

Contó que durante las negociaciones en la Dirección Nacional de Trabajo (DINATRA) las cámaras empresariales no hicieron ninguna propuesta para solucionar la problemática, dado que Frigorífico Solís es un "afiliado más" y "no lo pueden obligar a tomar una determinación", expresó Muñoz.

La gremial de trabajadores pretende que Solís reintegre a más de 70 empleados que fueron enviados a seguro de paro. Como hasta el momento la empresa omitió el pedido de éstos, desde la madrugada efectuaron un piquete que impide el tránsito hacia adentro y afuera de la planta, por tanto, no se realizó faena y tampoco permite el transporte de camiones con carnes para la exportación y el mercado interno.

Muñoz dijo que el cese de actividad en Frigorífico Solís se extenderá por tiempo indefinido y mencionó que van a parar en el resto de las plantas frigoríficas del país, pero hasta el momento no tienen una fecha concreta. En las próximas horas los trabajadores mantendrán una reunión para hacer "evaluaciones" y "acordar" cómo se va a actuar los próximos días.

MTSS procura solucionar el conflicto en el Frigorífico Solís

Noviembre 15, 2017 De momento los trabajadores dejaron en suspenso la extensión de las medidas de lucha al resto de la industria

El Ministerio de Trabajo y Seguridad Social (MTSS) está trabajando en el diseño de una propuesta de solución al conflicto que involucra a los trabajadores del Frigorífico Solís y a la dirección de dicha empresa, propuesta que de ser aceptada por las partes dejará sin efecto la extensión del conflicto al resto de la industria, actitud que de momento está en suspenso.

En ese marco, permanece sin cambios la ocupación que empleados de dicho complejo industrial realizan en sus instalaciones, en protesta del despido de 70 empleados decidido por la empresa hace algunos días.

Luis Muñoz, secretario general de la Federación Obrera de la Industria de la Carne (Foica), explicó a El Observador en la tarde de este miércoles que "sigue todo igual, tuvimos hoy varias conversaciones, en



distintos ámbitos, para ver si se puede abrir un canal de diálogo para salir de la situación; el ministerio en ese sentido está preparando una propuesta para hacerle a las dos partes".

El dirigente añadió que de no haber éxito en esta propuesta, a más tardar este viernes se comenzarían a instrumentar medidas de lucha en otros establecimientos del sector industrial de la carne.

La empresa presentó un recurso ante la Justicia

En tanto, fuentes vinculadas al sector de la industria cárnica confirmaron que se espera que la mencionada propuesta del MTSS llegue al ámbito del Consejo de Salarios y que, en tanto, la empresa industrial involucrada presentó un recurso de amparo ante la Justicia para recuperar la libertad de circulación dentro de las instalaciones, ante la mencionada situación de ocupación.

Un paro sumamente inoportuno

15 de noviembre de 2017 La ganadería uruguaya está potencialmente en vísperas de entrar en una nueva etapa, potencialmente muy venturosa. Si en los próximos meses se amplía el cupo con la Unión Europea y se encuentra un nicho de mercado en Japón, el 2018 ya marcará un escalón desde esta ganadería sufrida de márgenes limitados.

Todo está dado para que eso, acompañado de la fluidez de la exportación en pie y las altas pariciones den un impulso tal vez inédito a la ganadería uruguaya.

Pero mientras eso pasa y se vislumbran inversiones que coherentes con eso, ampliarán aún más la capacidad de faena de la industria frigorífica, estamos en vísperas de entrar en la etapa de más faena del año con un potencial paro en toda la industria.

Hay un eslabón que está faltando y es el de una productividad acorde a la competitividad que pretende tener la cadena cárnica. Más allá de los pormenores del conflicto, es sabido que en Uruguay hay problemas de ausentismo, entre otros problemas laborales. Si queremos competir con Australia y que el crecimiento por venir de la ganadería y el sector cárnico beneficie a todos, hay aspectos estructurales de la lógica laboral en la industria frigorífica que deben cambiar. Y eso puede ser lo único positivo que puede emerger de un conflicto absolutamente inoportuno y cuyo costo seguramente paguen los productores.

Preocupan rechazos de envíos puntuales de carne a la UE

13/11/2017 - Los muestreos no identifican las cepas de E. Coli.

Esta semana, la División Industria Animal del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca enviará una nota de consulta a la Red de Alerta Rápida de Piensos y Alimentos de la Unión Europea, marcando la preocupación por los hallazgos de patógenos sobre varios embarques puntuales de carnes uruguayas, que pertenecen a una sola planta. Así lo confirmó a El País el director de la División Industria Animal, Gustavo Rossi.

Como los muestreos se hacen en diversos puntos de entrada del viejo continente se han venido incrementando los hallazgos y llaman mucho la atención. Rossi, al igual que lo hizo el presidente del Instituto Nacional de Carnes (INAC), Federico Stanham, la semana pasada cuando fue consultado por El País sobre el problema, negó cualquier posible pérdida o afectación del mercado de la Unión Europea o incluso el deslistado de la empresa que está siendo afectada.

Tomando sólo los problemas que se generaron entre el 14 de septiembre, cuando se generó una alerta de atención en Portugal sobre un embarque uruguayo de carne y productos cárnicos —incluso hay notificaciones anteriores— y sumando los contenedores rechazados a partir del 3 de octubre, se registraron rechazos en Alemania, Italia, España y Holanda, según confirman los reportes sanitarios de la Unión Europea a los que pudo acceder El País.

Como la empresa afectada sufre controles reforzados, siguen surgiendo hallazgos. Ya había tenido problemas en 2013 y luego, en 2016, pasó la auditoría de la Unión Europea que revisó el complejo cárnico uruguayo, mostrando que había corregido las fallas que se habían generado. Hoy, vuelve a estar en la mira.

Uruguay hace muestreos sobre todos los embarques de carne e involucran a la E.Coli O157H7, así como a otras seis bacterias —conocidas como las seis grandes— que son: O26, O 45, O 103, O 111, O 121 y O 145. "El sistema que se aplica en la Red de Alerta Rápida de Piensos y Alimentos es muy perverso", afirmó Rossi y lo más difícil para el frigorífico afectado "es salirse del control reforzado", porque como ese frigorífico figura en la red de alerta, se le refuerzan la toma de muestras.

El director de Industria Animal explicó que el otro problema es "el soporte científico que tienen esos resultados, que ni siquiera son Steck (cepas de E. Coli de baja patogenicidad)".

Explicó que los muestreos de la Unión Europea identificaron el componente patógeno de la E. Coli, pero no a qué microorganismo pertenecen. "Cortan con el proceso del análisis una vez que detectan la toxina", agregó. Es que la E. Coli es productora de gigatoxinas y eso es lo que aparecen en los muestreos.

En algunos casos, el sistema europeo detectó una cepa de E. Coli que nosotros no la tenemos identificada dentro de las Steck patógenas. En otros casos no determinaron el tipo de O. Es muy llamativa la diversidad de hallazgos que hemos tenido. Están encontrando la toxina pero no siguen adelante con la



tipificación de la batería y hay más de 150 serotipos de E.Coli”, explicó el titular de la División de Industria Animal.

La Unión Europea, cuando manda un reporte de rechazo se ampara en la reglamentación 178/2002 y en el principio de cautela, porque en 2002 no existían los problemas con la E.Coli, incluyéndose las cepas de baja patogenicidad que también preocupan.

Ganado en pie exportado se acerca al récord Fueron embarcados 246.604 vacunos

Noviembre 17, 2017 El volumen de ganados exportados en pie se aproxima al récord de 2016. En los primeros 10 meses de este año se embarcaron desde Uruguay 246.604 vacunos, apenas 13% menos que el año pasado, cuando se exportaron casi 284 mil cabezas. Considerando que aún faltan dos meses para el cierre de este ejercicio, es probable que la exportación iguale o incluso supere a la de 2016.

Este año la actividad comenzó con muchas dudas, ya que el principal cliente, Turquía, decidió bajar considerablemente los precios y además planteó condiciones que generaron grandes desventajas a los exportadores, que en su mayoría rechazaron esas exigencias.

A Uruguay sólo le compra el gobierno turco, no están habilitados los operadores privados, como sí lo están en Brasil.

Pero hubo dos empresas que sí se arriesgaron a exportar en esas nuevas condiciones –Olkany y Herbal Paradise–. Entre esas nuevas condiciones está por ejemplo que la carga puede ser rechazada si se detecta alguna anomalía al llegar a destino.

La mayor parte de las empresas, entre ellas las que lideraron la actividad en los últimos años, consideraron que era un riesgo, porque esas exigencias eran poco específicas. Varias prefirieron tomar otro rol en la actividad, seguir comprando ganado para exportación y trabajando con sus cuarentenas para abastecer de ganado a aquellas que sí tomaron el riesgo.

Pero en los últimos meses Gladenur, la principal empresa exportadora de ganado volvió al ruedo y eso también dinamizó el flujo exportador.

Lo cierto es que esos cambios no se están notando en los números finales de volúmenes exportados, y es probable que este año se supere el récord de 2016.

La exportación desde Brasil

Turquía habilitó a las empresas importadoras a comprar ganado en Brasil, algo que no lo hizo para Uruguay, y eso llevó a que el volumen de negocios se triplicara. En 2016 Brasil exportó unas 100 mil cabezas, y en lo que va de 2017 ya se enviaron más de 300 mil.

Los privados deben pagar un arancel de 10%, pero de todos modos es un negocio muy atractivo. Este nuevo panorama hizo que algunas empresas exportadoras que estaban en Uruguay se trasladaran al país vecino.

Es el caso de Escoltix, empresa que dirige Rodrigo González, actual presidente en Uruguay de la Unión de Exportadores de Ganado en Pie. La firma consiguió permisos para exportar desde Brasil unas 100 mil cabezas en un año.

Escoltix resolvió los temas logísticos y financieros a través de una asociación con una gran empresa brasileña que se dedica a la exportación de metales. "Brasil es otro mundo. Acá hay estancias de 500 mil y de 600 mil cabezas. Un día no hay oferta y al otro conseguimos 5.000 terneros de un solo establecimiento. Es un mercado muy atractivo en precio y volumen", comentó González a El Observador Agropecuario, mientras embarcaba ganados en San Pablo.

Señaló que en Uruguay hay menos oferta y mucha competencia entre los exportadores, y con las condiciones que impone el gobierno turco "no es fácil animarse a exportar, además de que los precios que ofrece son cada vez peores", indicó.

De todos modos dijo que seguirá haciendo algún negocio de hembras en la plaza local, con el objetivo de permanecer activo a la espera de un cambio de reglas de Turquía, que hagan de este negocio más interesante.

Jorge Dimu: “Brasil está demandando carne vacuna de alta calidad”

16/11/2017 - Está comprando cortes de confinamiento, entre otros.

La venta de carne vacuna a Brasil continúa en aumento y con perspectivas muy favorables para la colocación de cortes de calidad, tipo europeo, aseguró a Rurales El País Jorge Dimu, broker de carnes.

“Vemos en Brasil la posibilidad de mejorar las colocaciones de carne, es un mercado exigente que demanda cortes de calidad a nivel mundial”, resaltó el empresario.

Dimu explicó que los cortes de mayor comercialización están siendo el bife ancho, angosto, la picaña y de confinamiento, una “diversificación que antes no se vendían y ahora se piden, especialmente con marcas y manteniendo la calidad”, resaltó.

En cuanto a valores de exportación, afirmó que son “atractivos” y “cada día mejores”. “Nunca pensábamos que Brasil iba a estar comprando carne vacuna a niveles europeos en los tipos de cortes”, señaló.



PARAGUAY

Chile, el principal mercado

10 de Noviembre de 2017 Las exportaciones de carne acumulan al mes de octubre un crecimiento de 3,1% en valores, alcanzando los US\$ 989,3 millones, mientras que en volumen implica una caída de 5,5%, según el informe sobre comercio exterior del Banco Central del Paraguay (BCP).

Chile se mantiene como el principal mercado de nuestro producto, seguido por Rusia y Brasil, aunque en estos dos últimos las compras vienen bajando.

El país transandino en este periodo compró carne paraguaya por valor de US\$ 367,1 millones, lo que representa una variación de 27,2% con relación al mismo lapso del año pasado.

En contrapartida a la desaceleración registrada en los mercados de Rusia y Brasil, tanto en valores como en volumen, aumentaron las compras de Taiwán, Irán, Kuwait, Hong Kong y Egipto.

En octubre también se destaca la exportación de semillas de soja, que repuntó de nuevo atendiendo los mejores precios que se están pagando actualmente en el mercado.

La cada vez más notoria disminución del stock bovino empieza a preocupar

12 de Noviembre de 2017| por varios factores se estaba vendiendo hasta la “fábrica de terneros”, sostienen

El hato ganadero bovino viene disminuyendo sustancialmente por el aumento de la capacidad de faena de los frigoríficos locales y la cada vez mayor demanda de carne paraguaya desde el exterior. Referentes de la producción y la industria cárnica abogan por planes y políticas de retención de vientre para mejorar la tasa de procreo, pues Paraguay tiene el nivel más bajo entre países de la región.

La disminución del hato del ganado bovino de nuestro país no se compadece con el buen momento que está pasando la industria cárnica en cuanto a la exportación. Según datos del Senacsa, de enero a octubre de 2016 se exportaron 206.916 toneladas de carne bovina, generando un ingreso de US\$ 803.287.625.

En el mismo periodo, pero de este año, se vendieron al exterior 215.868 toneladas, por US\$ 916.618.426. La diferencia en peso es de 4,33% y en divisas ingresadas al país, 14,11%.

A criterio de Carlos Pedretti, de la Asociación Rural del Paraguay (ARP), la diferencia en divisas es porque han aumentado los precios de los mercados de destino. “O sea, el mismo mercado que tiene Paraguay hoy en día le permitió vender a mejor precio su tonelada promedio, por el hecho de tener mejores opciones de mercado”, explicó ante nuestra consulta.

En tanto que Korn Pauls, de la Cámara Paraguaya de Carnes, señaló a nuestro diario que en la actualidad falta materia prima para los frigoríficos de nuestro país. En cuanto al precio de los novillos para faena, apuntó que en la actualidad es uno de los más altos frente a países de la región. “Estamos fuera de competencia”, expresó.

En cuanto a la tasa de procreo del ganado bovino, tanto Pedretti como Pauls coinciden en la necesidad de encarar un plan a nivel nacional en el que se involucren los gremios de la producción y la industria cárnica, junto con organismos del Estado.

Los datos al respecto indican que de 14.800.000 cabeza de ganado bovino de hace algunos años, en la actualidad esa cifra se redujo a 13.800.000 cabezas. Esto se debe, entre otros factores, a la baja tasa de procreo. En ese sentido, el promedio de procreo en Paraguay es de 35 a 40 terneros vivos de cada 100 vacas, mientras que en los países de la región el promedio es de 70 a 75 terneros vivos de cada 100 vacas, según las fuentes.

“Está disminuyendo el hato ganadero porque las plantas (frigoríficas) aumentaron su capacidad de faena. Sin embargo, no se invirtió en aumentar el hato. O sea, no hay ninguna política ni gubernamental, ni a otro nivel que fomente que el ganadero pueda retener sus animales”, expresó Pedretti sobre ese tema.

El clima, otro de los factores en contra

A criterio del dirigente ganadero, la disminución del hato se dio también a causa de factores como la sequía y helada que afectaron al país este año, y a la baja del precio del ganado el año pasado, factores que obligaron a muchos a vender incluso sus vacas para mantener su flujo de caja.

“Con eso prácticamente se estaba vendiendo la fábrica de terneros”, acotó.

“Necesitamos políticas de retención de vientre”, recalzó Pedretti.

Planes a largo plazo

Korn Pauls habló de la necesidad de tener planes a largo plazo para aumentar la procreación. Buscar la forma de sacrificar menos vientre para que haya más procreación. Ese es un trabajo no de meses sino de dos o tres años para revertir la situación.

“Se debe mejorar la preñez de la vaca, no faenar hembras sino dejarla ya para la procreación, para que nuevamente haya ganado. Ahora hay que trabajar para que el año que viene haya terneros y después de dos años estén listos para la faena”, dijo Pauls, y abogó por un trabajo de concienciación en el campo de la genética y también en salud animal.



Hong Kong sigue en expectativa

12 de Noviembre de 2017 Una delegación de representantes de sectores público y privado planea un viaje a Hong Kong próximamente con el objetivo de interiorizarse de la propuesta de apertura de ese mercado para la carne paraguaya que se había hecho y que está sin respuesta hasta ahora.

El titular de la Cámara Paraguaya de Carnes, Juan Carlos Pettengill, y el presidente del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), Hugo Idoyaga, informaron que recientemente enviaron una nota a autoridades sanitarias de esa región del Asia solicitando una agenda de visita.

En junio pasado vino a nuestro país una misión de auditoría de Hong Kong a verificar la producción y el proceso de industrialización de la proteína roja, visitaron frigoríficos y laboratorios. La misión estuvo integrada por la Dra. Abigail Ho, oficial veterinario; Johnny Kwok, oficial de campo; y Edmond NG, jefe inspector.

"Planeamos un viaje a Hong Kong nuevamente con el Senacsa, porque estamos estancados en la habilitación (del mercado). Ellos vinieron en junio y hasta ahora no tenemos novedades de la habilitación", declaró a este diario Pettengill.

Preguntado sobre cuándo sería el viaje a la citada región asiática, respondió que enviaron una nota y están a la espera de la confirmación de la fecha. Cree que sería cerca de fin de este año o en la primera quincena de enero del año 2018.

El titular del Senacsa espera que con la visita que realizarán a Hong Kong se pueda aclarar realmente cuál es la traba o lo que sea que no está posibilitando todavía la respuesta de parte de los hongkoneses al pedido de apertura de mercado.

Esta región asiática es el sexto mayor importador de carne bovina del mundo, con un volumen de compra de 375.000 toneladas anuales. Este volumen representa un valor de alrededor de US\$ 1.500 millones por año, según los datos.

UNIÓN EUROPEA

Acuerdo UE – Mercosur: se complete una nueva ronda de negociaciones

Brussels, 13th November 2017 The fifth negotiating round between the European Union and Mercosur since the resumption of formal talks in October last year was held from 6 to 10 November in Brasilia. This round follows on from the round from 2 to 6 October, also held in Brasilia. Mercosur is the trade grouping which in these negotiations includes Argentina, Brazil, Paraguay and Uruguay.

This round allowed for substantive progress towards an agreement in all areas, including the negotiating texts on goods, services, government procurement, sanitary and phyto-sanitary matters, intellectual property, geographical indications, trade and sustainable development, small and medium enterprises, technical barriers to trade and dispute settlement and other horizontal provisions. In addition to this work, both sides made steps to prepare for an exchange of improved market access offers. Negotiators also agreed on dates for the next round, which will straddle the last week of November and the first week of December.

Both sides confirmed their commitment to conclude an agreement that will be greatly beneficial for all before the end of the year.

In the margins of the round, negotiators from both sides met with representatives of Mercosur's Economic and Social Consultative Forum and of the European Economic and Social Committee, which bring together trade unions, employers and civil society, and on a separate occasion with other interested stakeholders of Mercosur.

Vice-President Katainen also visited Argentina and Brazil last week, meeting different counterparts to discuss the preparations for the final phase of these negotiations, amongst other things.

Ganaderos irlandeses urgen a no aceptar el acuerdo con Mercosur

Friday, 17 November, 2017 Ulster Farmers' Union president, Barclay Bell, says UK politicians and non-governmental organisations (NGOs) need to wake up to the threat of the Mercosur trade negotiations on European food safety, animal welfare and the environment. He made the comments in the wake of reports that the European Commission is set to increase its beef quota offer to the Mercosur states.

'There has been much focus of late on calls made by UK politicians and NGOs to increase environmental and animal welfare regulations in the UK, post Brexit. However, these politicians and NGOs are nowhere to be seen nor heard in the debate around the serious threat posed by the Mercosur trade negotiations,' says the UFU President.

South American countries do not come close to matching the food safety, animal welfare or environmental standards which farmers comply with in the UK and across Europe. Mr Bell says, 'It is scandalous that the



European Commission is prepared to offer Mercosur increased concessions to export substandard agricultural products such as beef into the EU.'

'Farmers in the UK comply with world leading standards and this is what UK consumers expect. So, it seems completely hypocritical for UK politicians and NGOs to want to keep raising the bar for UK farmers but yet accept much lower standards for inferior products exported from South America to the EU and which can ultimately end up in the UK,' says Mr Bell.

'Politicians and NGOs urgently need to re-focus their priorities and wake up to the threat the Mercosur trade negotiations pose. We want to see fair and balanced trade arrangements. There is no question that food exported to the UK, should be produced to the exact same standards as food produced in the UK. To do otherwise will only undermine UK food production, food security and exacerbate the risk of environmental degradation in regions such as South America,' says the UFU President.

ESTADOS UNIDOS

Producción de carnes bovinas alcanzará un récord en 2018

13 November 2017 US - Meat protein supply expansion is likely to remain on track through 2018 on robust global demand and ample feed supplies, reports Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

This to us is the main takeaway from the latest USDA WASDE update. Some items worth noting:

Corn: USDA surprised market participants by estimating this year's corn yield at 175.4 bushels per acre, 3 bushels more than analysts were expecting. If correct, it will be a new all-time record yield and the third consecutive year that corn yields have come in above trend.

Continued improvements in crop genetics and no major weather events have helped bolster US corn supplies. USDA now expects farmers will carry 2.487 billion bushels into the 2018-19 marketing year. This would be the largest carryover since the late 1980s.

The stocks/use ratio, a better indicator of pipeline supplies, is now projected at 17.2 per cent, the highest since 2005-06. There is plenty of corn on the ground but the farmer may be reluctant, at least in the short term, to sell into this market.

For those farmers that grow corn but also raise hogs/cattle, converting into protein remains a profitable alternative. We would expect more farmer feeding of cattle and a strong incentive to increase pork production in 2018.

Beef: USDA lowered its estimate for beef production in 2017 by 149 million pounds, in part reflecting the significant decline in cattle weights from a year ago and likely a less aggressive marketing rate for Q4.

Beef production for 2018 was revised up by 325 million pounds, possibly a function of larger placements but also expectations for heavier weights in 2018. USDA projects US beef production in 2018 to be 27.687 billion pounds, 1.22 billion pounds (+4.6 per cent) higher than a year ago.

If this forecast is correct, it would be the largest amount of beef ever produced in the US, surpassing the previous record in 2002. The production numbers tell only part of the story, however. What is more important is the availability of beef in the domestic market after we have accounted for population growth.

Per capita consumption in 2018 is currently forecast to be 59.2 pounds per person (retail wt. basis), 3.3 per cent higher than a year ago. In October, USDA was projecting 2018 per capita consumption to be up 2.1 per cent.

The per capita consumption calculations are vulnerable to significant revisions due to shifts in trade flows as well as changes in production. If this latest forecast is correct, it would be the biggest year/year increase in beef consumption since the mid 1970s.

Despite the big jump in per capita availability in the domestic market fed cattle prices are expected to be down only 3.5 per cent from 2017, a reflection of a more bullish demand assumptions.

OMC falló a favor de EE.UU. en su disputa con INDONESIA por el ingreso de carnes bovinas

15 November 2017 US - This week the World Trade Organization (WTO) ruled in favor of the United States in a dispute with Indonesia over its complex and opaque import requirements for beef and beef products.

The WTO report found that all 18 of Indonesia's import measures challenged by the United States were inconsistent with WTO rules and obligations.

The ruling marked the end of the WTO dispute settlement process and is expected to open up significant new export opportunities for the US beef industry in the Indonesian market.

More details on the ruling are available from the WTO website and in this news release from the Office of the US Trade Representative (USTR).

"We are extremely pleased with the outcome of this case and wish to thank USTR for its effective presentation of the legal arguments against Indonesia's import controls," said USMEF CEO Philip Seng.

"The WTO ruling is confirmation of USTR's decision to bring the case and supports the need for a strong and transparent dispute settlement system in the WTO."



USMEF sees Indonesia as a very promising market for the future. It is the fourth most populous country in the world, but with per capita beef consumption of only 3.4 kilograms, Indonesia has almost unlimited potential to become one of the world's largest beef importing countries.

"The WTO report sets the stage for expansion of Indonesia's beef market," Mr Seng added.

"We are excited about the opportunity to play a big part in its development by introducing US beef to a much wider group of Indonesian customers."

Earlier this year, USMEF promoted US beef and pork at Food and Hotel Indonesia in Jakarta [Photo: USMEF]

Last year US beef and beef variety meat exports to Indonesia were 10,783 metric tons (mt) valued at \$39.4 million, making it the ninth-largest export market for US beef by volume and 15th-largest by value.

Through September of this year, exports to Indonesia already nearly matched last year's totals, reaching 9,934 mt valued at \$36.6 million. Indonesia is currently the third-largest export market for US beef hearts, following Mexico and Hong Kong.

TheCattleSite News Desk

Crecen las importaciones un 5 por ciento en septiembre

15 November 2017 US - US beef imports in September were up 5 per cent from the prior September, capping a quarter when imports were up 8 per cent from a year earlier, reports Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

The increase in September was the smallest since June and still leaves the projected path for annual imports to be on track to be slightly less than in 2016. Beef imports during the first half of the year were down 7 per cent from the same period in 2016.

The moderating pace of imports is mostly due to slowing shipments from Australia and New Zealand. Imports from Oceania normally decline in the second half of the year, but extreme drought in Australia at mid-year resulted in more slaughter due to lack of forage.

The August-to-September trend in beef shipments from Australia has been an indication of shipment trends for the last three months of the year this decade, and the decline this September suggests that beef imports from this source in the last three months of the year will be slightly larger than the extremely low volumes of the last quarter of 2016.

The price incentives to ship beef to the US, based on East Coast imported beef price quotes from USDA-AMS (Agriculture Marketing Service) in September and October were not as attractive as they were three months earlier.

The bounce in imports during the summer quarter probably played an important role in driving import beef price to a discount to domestically sourced lean beef trim prices. The uptick in imported beef prices in October suggests that availability of product from Australia was limited compared to supplies of domestic lean beef trim.

The decline in domestic lean beef trim prices registered since July flows from an 8 per cent year-over-year increase in cow slaughter during the summer quarter, as well as declining prices trends in the Choice beef market.

Domestic lean beef prices in November have been static at the lowest values since March. Values in this market are not showing much sign of strength, even though choice beef prices have rallied more than 10 per cent from their lows of the summer.

Stable and relatively inexpensive US lean beef will likely keep imported beef prices from moving significantly higher which probably limits the potential for an expansion in beef import volumes.

Alto precio limita las exportaciones de carne vacuna de EE.UU. a China

16 de noviembre de 2017 Según la Federación de Exportación de Carne de Estados Unidos, a finales de setiembre, las exportaciones de carne a China alcanzaron alrededor de 1.000 toneladas por un total de US\$ 12,5 millones desde que se levantó la prohibición de exportación en mayo.

China representa potencialmente un mercado de US\$ 2.600 millones para la carne vacuna de EE.UU., por lo que las exportaciones de EE.UU. pueden aumentar. Los expertos de la industria atribuyen el lento crecimiento del mercado a la escasez de oferta y a los precios elevados.

La carne vacuna exportada a China debe cumplir requisitos estrictos como la ausencia de hormonas de crecimiento. Actualmente, los productos que satisfacen esos requisitos son pocos.

"Esperamos poder exportar mucha carne de res a la clase media de China, pero al no usar hormonas de crecimiento el precio será prohibitivo. Actualmente, la mayoría de la carne estadounidense se vende solo en las principales ciudades como Shanghai y Beijing", dijo Bonds.

El "Prime rib eye" u ojo de bife con hueso se vende a casi US\$ 130 por kilo en Shanghai, según informes de prensa. "Es más un artículo de lujo en China, en lugar de ser una fuente diaria de proteína", dijo Pete Bonds, un productor de Texas, y ex presidente de la Asociación de Ganaderos de Texas.



S&S AgriSource, una empresa con sede en Houston que exporta carne vacuna a China, está probando el mercado. Ha estado exportando carne de Sudamérica a China y está utilizando su red de distribución disponible para ganar una cuota de mercado para la carne vacuna estadounidense.

Jane Shi, especialista en compras de S & S AgriSource dijo que comparada con la carne vacuna que la compañía exporta a China desde Sudamérica, la carne estadounidense es de tres a cuatro veces más cara.

US Beef Exporters Find Niche in China

14 November 2017 CHINA - The country may be starting to beef up. By the end of September, US beef exports to China reached about a thousand metric tons for a total of \$12.5 million since the export ban was lifted in May, according to the US Meat Export Federation.

The country potentially represents a \$2.6 billion market for US beef products, so US exports have a lot of room for growth.

Industry experts, however, attribute the slow growth to two major factors: short supply and hefty prices.

Beef exported to China must meet stringent requirements, including no growth hormones. Currently, supplies meeting those requirements are rather small, and raising cattle that meet those standards takes about two years starting with a calf, said Pete Bonds, a rancher in Saginaw, Texas, and a past-president of the Texas and Southwestern Cattle Raisers Association.

Mr Bonds said that while it takes time to develop China-specific beef products, meeting the Chinese requirement also increases costs.

"We hoped to be able to export a lot of beef to China's middle class, but by not using growth hormones the price will be prohibitive. Currently most US beef is sold only in major cities like Shanghai and Beijing," Mr Bonds said.

USDA Prime rib eye sells for nearly \$60 a pound in Shanghai, according to media reports.

"It's more a luxury item in China, instead of being a daily protein source for the Chinese," said Mr Bonds.

However, Chinese are quite partial to US beef due to its remarkable marble cut.

"The rest of the world produces grass (fed) beef, we have the luxury of feeding cattle with corn for 150-180 days to produce marbled beef. US beef is juicier, more tender and more delicious," said Mr Bonds.

He said recent studies show that marble fat is healthier than fat from other part of the cattle, akin to olive oil.

S&S AgriSource, a Houston based company exporting beef to China, is testing the market. It has been exporting beef from South America to China and is utilizing its available distribution network to gain a market share for US beef.

"We do see high enthusiasm for US beef from China, many are interested," said Jane Shi, a purchasing specialist at S&S AgriSource. "We have quoted prices to distributors in China. Due to the high price, they haven't made up their mind to issue the order yet, but we are close to making some deals."

Ms Shi said compared to the beef the company exports to China from South America, US beef is three to four times more expensive.

"US beef is delicious but how many are willing to pay the price? We have to find out," said Ms Shi.

With China's large size, the potential is irresistible despite the hefty price. S&S AgriSource has partnered with a Texas farm to raise a few head of cattle meeting China's requirement. They want to be ready when the market blooms.

Mr Bonds runs several thousand calves in the China programme on his ranch. When feedyards buy calves from him, they have the option of choosing to stay in the China programme or not.

While many local ranchers are still waiting to see how the China market will develop, Mr Bonds does see more and more people going along with the China programme.

"Last group came and bought a thousand calves. They shipped them to a feedyard in Kansas. They bought these calves with the intention to make beef for China," said Mr Bonds.

TheCattleSite News Desk

COREA DEL SUR flexibiliza el control establecido luego de confirmar un caso atípico de BSE

13 November 2017 SOUTH KOREA - South Korea will reduce sampling inspections carried out on US beef after no unauthorized materials that pose health risks have been found in products over the last five months, the agriculture ministry said Thursday.

Yonhap News Agency reports that currently, 30 per cent of US beef is subject to a sample physical check as the quarantine authorities raised the ratio from 3 per cent in mid-July after the discovery of bovine spongiform encephalopathy (BSE) from an 11-year-old cow in Alabama.

The discovery was the first mad cow disease case detected in the North American country in five years.

The Ministry of Agriculture, Food and Rural Affairs said it will lower the ratio of sampling to 6 per cent starting from 13 November, and will cut it to the normal level of 3 per cent next month if no suspicious cases are discovered.



The ministry said the BSE found in July was the "atypical" type and less risky, and was not found during the intensified check period.

Exposure to BSE can cause fatal, brain-wasting Creutzfeldt-Jakob disease in humans.

The sampling check involves opening the package, defrosting the meat and cutting into it to check in detail. Currently, US beef that can be imported to Korea is restricted to cattle younger than 30 months with specified risk materials (SRM) removed in the slaughtering process.

South Koreans are sensitive to the mad cow disease issue, which led to nationwide protests against US beef imports in 2008.

TheCattleSite News Desk

Acción de promoción en LITUANIA

14 November 2017 LATVIA - As part of a strategy to increase sales of US beef in northern Europe, USMEF teamed with the largest foodservice distributor in the Baltic states of Latvia, Lithuania and Estonia to launch retail promotions at high-end retail stores. The promotions with Reaton Ltd. were funded by the Beef Checkoff Programme.

Yuri Barutkin, USMEF representative in the region said, "USMEF and Reaton have developed a partnership over the course of this year with regular trade service visits and educational masterclasses.

"Because of this work, Reaton has decided to make US beef its main product in the high-end meat segment. Also, much of Reaton's internal resources went toward providing education on US beef and training for sales staff.

"USMEF hopes these efforts will result in a greater number of foodservice and retail outlets in the Baltics offering US beef products."

USMEF strategy in the region includes actively promoting alternative cuts in the market.

"We previously introduced top blade, chuck and sirloin in the Baltics as alternative cuts," Mr Barutkin noted.

"Some worked better than others, but USMEF and Reaton are still trying to find that perfect mix of alternative cuts that will suit consumer preferences in this region."

Meanwhile, the retail promotions at Gastronome and MC2 – two Reaton properties in Riga, the capital of Latvia – were targeted at customers who would be open to trying both premium and alternative steak cuts at home.

Reaton offered these customers several retail cuts (US beef shoulder clod cuts, ribeye and striploin) in convenient retail packaging. The retail promotion was supported by in-store tastings and radio and display advertising.

Ribeye was the best seller, followed by shoulder clod and striploin. Over the course of the two-week promotion, US beef made up 72 per cent of the total beef sales at Gastronome, Mr Barutkin reported.

He added, "To go from zero last year to 72 percent of all beef sales at their high-end stores this year was definitely good news.

"In many outlets, US beef seems to be replacing Australian product on the store shelves and in the HRI department.

"However, it is important to maintain this momentum and continue to educate all parties involved – the sales force, foodservice customers and consumers – about US beef.

"We need to share not just the attributes of US beef, but also highlight its availability, both at the retail and foodservice level."

TheCattleSite News Desk

Brote de Salmonella se vincula a terneros lecheros

November 16, 2017 The ongoing outbreak appears to have originated in dairy calves in Wisconsin.

An outbreak of a multi-drug resistant Heidelberg strain of Salmonella has affected 54 people in 15 states, according to the U.S. Centers for Disease Control and Prevention (CDC). The ongoing outbreak has progressed for some time, with associated illnesses dating back to January 2015. Since the last update on August 2, 2017, the CDC has reported eight new cases in humans in six states. Eighteen of the human cases in this outbreak, or 33%, are children under the age of five years.

The outbreak appears to have originated with dairy calves from Wisconsin. Of 54 patients CDC investigators have interviewed, 63% reported contact with dairy calves or cattle. Ongoing surveillance in veterinary diagnostic laboratories meanwhile, has found calves in several states with sickness associated with the outbreak strains of multidrug resistant Salmonella Heidelberg. Animal-health officials currently are working to trace the origin of calves associated with the most recent human cases.

Investigators have used whole-genome sequencing to identify multiple antimicrobial resistance genes in outbreak-associated isolates from 43 ill people, 87 isolates from cattle, and 11 isolates from animal environments. They've also verified those findings with standard antibiotic resistance testing methods used by CDC's National Antimicrobial Resistance Monitoring System (NARMS) laboratory on clinical isolates from eight ill people in this outbreak. Those tests show:



All eight isolates were resistant to amoxicillin-clavulanic acid, ampicillin, cefoxitin, ceftriaxone, streptomycin, sulfisoxazole, and tetracycline, and had reduced susceptibility to ciprofloxacin.

Seven isolates were also resistant to trimethoprim-sulfamethoxazole.

Five were also resistant to nalidixic acid.

Three were also resistant to chloramphenicol.

All eight isolates tested were susceptible to azithromycin and meropenem.

The CDC recommends the following preventative steps for veterinarians or producers working with cattle.

Always wash your hands thoroughly with soap and water right after touching livestock, equipment, or anything in the area where animals live and roam.

Use dedicated clothes, shoes, and work gloves when working with livestock.

Keep and store these items outside of your home.

It is especially important to follow these steps if there are children under the age of five in your household.

Young children are more likely to get a Salmonella infection because their immune systems are still developing.

NUEVA ZELANDA- OMC rechazó la apelación de INDONESIA

13 November 2017 - The World Trade Organization has turned down Indonesia's appeal against a ruling that trade barriers imposed since 2011, which hurt New Zealand's beef exports, were inconsistent with global trade rules.

New Zealand had invoked WTO dispute settlement consultations with Indonesia in 2013 and 2014 over 18 trade barriers it said had resulted in an 80 per cent drop in the nation's exports to Indonesia of beef and horticultural products such as apples and onions.

Prior to the restrictions, Indonesia was New Zealand's second-largest market for beef, worth \$180 million a year, and the accumulated trade impact was an estimated \$500 million to \$1 billion, according to the complaint.

Consultations between the two countries failed to resolve the dispute and in 2015 New Zealand escalated its complaint by requesting the WTO Dispute Settlement Body establish a panel for a hearing. The US made a panel request at the same time and became a co-complainant. Former Prime Minister John Key raised the issue with his Indonesian counterpart during a visit in 2016.

Last December the WTO panel ruled in New Zealand's favour, concluding that the 18 measures were inconsistent with rules under GATT 1994 that prohibit import restrictions. Indonesia appealed that decision in February this year and the appeal was declined in a ruling dated 12 October in Geneva, couched in the WTO's cautious legalese.

New Zealand's response overnight in welcoming the ruling was equally cautious and conciliatory. Trade Minister David Parker praised Indonesia's "exemplary" approach to the WTO hearings, which had been conducted with a "collegial and constructive" tone.

"This decision from the WTO's highest dispute settlement body is an important result for our agricultural exporters and should pave the way to grow New Zealand exports to the Indonesian market," Mr Parker said.

New Zealand's original 2013 complaint cited Indonesia's quotas, import restrictions, and discretionary or non-automatic import licensing schemes, which it said didn't appear to be administered "in a uniform, impartial or reasonable manner as they are applied inconsistently and unpredictably."

"Indonesia has also failed to publish or provide relevant information, including overall quota details, sufficient for governments and traders to become acquainted with them," the original request for consultations said.

Indonesian licensing procedures, under which importers were forced to complete multiple steps prior to any imports, were "trade-restrictive and -distortive effects and are broader in scope, and more administratively burdensome, than necessary" and were "applied inconsistently and unpredictably."

Indonesia had argued that the measures were aimed at restricting imports of certain agricultural products where domestic production was deemed sufficient to satisfy domestic demand.

TheCattleSite News Desk

EMPRESARIAS

JBS cerró el tercer trimestre con un beneficio económico de R\$ 323 millones

15/11/2017 - También saldó una multa millonaria impuesta por la justicia de Brasil.

La multinacional brasileña JBS publicó sus resultados económicos del tercer trimestre del 2017, con un beneficio neto de 1.900 millones de reales. Pero como la firma está adherida al Programa Especial de Regularización Tributaria (Pert), el resultado final ha sido de 323 millones de reales, un 64% menos que en 2016.



Uno de los aspectos más positivos para JBS durante este trimestre ha sido la eliminación de una deuda 4.800 millones de reales por una multa impuesta por la Justicia de Brasil, después de conocerse algunos aspectos claves en los escándalos de corrupción que vivió el país. Esa deuda la cubrió con la venta de sus operaciones en Argentina, Paraguay y Uruguay.

JBS destaca que el resultado obtenido ha sido fruto de la buena marcha de las exportaciones ya que sus operaciones en Brasil suponen solo el 12% de su facturación total. (Con información de Eurocarne).

JBS ve espacio para mejora de márgenes en 2018

16 de noviembre de 2017 La multinacional JBS ve espacio para mejorar sus márgenes en el próximo trimestre y para 2018 en divisiones como carne vacuna en EEUU y de productos procesados en Brasil, señalaron ejecutivos de la empresa.

El vicepresidente de operaciones globales de JBS, Gilberto Tomazoni, consideró que la oferta de ganado en EEUU deberá crecer entre 2% y 3% en 2018, lo que ayudaría a la compañía a elevar el margen del 7,3% que registró en el tercer trimestre.

Tomazoni sostuvo durante una teleconferencia con analistas que la demanda estadounidense por carne bovina, porcina y de pollo sigue siendo creciente, tendencia que debe mantenerse en 2018. Las exportaciones de las tres proteínas por el país también están avanzando, dijo el ejecutivo, según informó la agencia de noticias Reuters.

JBS divulgó este lunes su resultado económico del tercer trimestre, con una caída de 64% en las ganancias netas respecto al mismo período del año pasado. La multinacional tuvo un beneficio neto de R\$ 323 millones en el tercer trimestre, golpeada principalmente por la adhesión al programa de refinanciación de deudas y caída de desempeño en Brasil.

Tomazoni afirmó durante la teleconferencia este martes que JBS no quedó satisfecha con su desempeño en Brasil en el trimestre pasado y que la empresa "tiene mucho que hacer en el negocio de carne bovina, donde los volúmenes quedaron por debajo del ideal" en el país.

Al final del tercer trimestre, JBS suspendió temporalmente compras de ganado en algunas zonas de Brasil tras la detención del ex presidente de la compañía Wesley Batista, como parte de la operación Tendón de Aquiles, de la Policía Federal.

Marfrig mejoró su resultado económico en el tercer trimestre y redujo sus pérdidas

16 de noviembre de 2017 Marfrig Global Foods mejoró su resultado económico en el tercer trimestre del año impulsado por la ampliación de la capacidad industrial en Brasil. Aunque el resultado económico fue negativo, las pérdidas fueron menores respecto a un año atrás.

Entre julio y setiembre la pérdida neta de Marfrig fue de R\$ 58,4 millones (aproximadamente US\$ 17,7 millones) frente a R\$ 156,9 millones (aproximadamente US\$ 47,7 millones) hace un año atrás.

Desde el segundo semestre Marfrig reabrió cinco frigoríficos en Brasil. Lo que trajo aparejado un aumento mensual en la faena más del 30%, pasando de 190.000 cabezas en junio a unas 250.000 cabezas, señaló Martín Secco, gerente general de Marfrig, según el diario Valor Económico.

En el proceso de recuperación, Marfrig mostró mejoras en el mercado tanto externo como interno. Según Secco, las exportaciones de la empresa crecieron 98% interanual en el tercer trimestre. En total, la empresa exportó 72,1 mil toneladas de carne bovina en el período, por encima de las 36,4 mil toneladas enviadas al exterior en el mismo período de 2016.

Ante el aumento de capacidad industrial, la división de carne vacuna -Marfrig Beef- pasó a representar un porcentaje mayor de las ventas. En el tercer trimestre, la división respondió por el 53% de los ingresos netos de la empresa.

El ingreso neto de Marfrig sumó R \$ 4.800 millones en el tercer trimestre, alza del 11% ante los R \$ 4.300 millones de igual período de 2016.

Marfrig espera habilitar más establecimientos para exportar a China

16/11/17 - por Equipe BeefPoint O CEO da Marfrig Global Foods, Martín Secco, afirmou que em breve a companhia deve conseguir elevar o número de plantas autorizadas à exportar carne bovina para a China.

Em reunião da Associação dos Analistas e Profissionais de Investimento do Mercado de Capitais (Apimec), Secco destacou o crescimento do consumo de carne bovina da China, sendo hoje o segundo maior mercado importador de carne, com estimativas para 950 mil toneladas de carne em 2017.

Sobre o mercado brasileiro de carne, o executivo afirmou que as perspectivas são de recuperação de consumo para carne bovina, dada a melhora do cenário macroeconômico. A Marfrig estima que o rebanho brasileiro avance de 218,8 milhões de cabeças em 2016 para 234,8 milhões em 2022, um aumento de 7,3%.

O consumo brasileiro deve expandir 8,6% no mesmo período, para 8,4 milhões de toneladas em 2022. A produção brasileira de carne bovina deve subir 13,6%, para 10,5 milhões de toneladas. Dessa produção,



2,1 milhões de toneladas em 2022 deve ser direcionada ao mercado externo, um aumento de 25,1% ante 2016.

Secco afirmou ainda que a companhia está atingindo um ponto de equilíbrio no momento. Do lado operacional, o executivo destacou que foram abatidas cerca a média de 250 mil cabeças por mês no terceiro trimestre do ano. Até o fim do ano, o abate deve chegar a 300 mil cabeças por mês.

Fonte: Valor Econômico, adaptada pela Equipe BeefPoint.

Marfrig: queremos vender carne com marca

17 de novembro de 2017 - Empresa expandiu linha de cortes da Montana e quer "sair da venda de carne commodity"

Vender 100% de suas carnes no mercado interno com marca. Esse é um dos desafios da Marfrig no Brasil. "Queremos sair da venda de commodity e a marca é a única ferramenta para diferenciar a carne das concorrentes", disse Martin Secco, CEO da empresa, em evento de lançamento do reposicionamento da Montana. A marca agora terá duas divisões: a Premium Beef, de cortes para churrasco, e a Dia a Dia, para consumo cotidiano com pedaços como alcatra e coxão duro. "Vimos que havia espaço para a Montana cobrir o consumo de 'dia a dia'". A mudança acontece após um crescimento de 38% da marca no mercado doméstico "sem fazer nada", afirmou Secco.

Além da expansão para o mercado de alto volume do dia a dia, a marca também mudou sua identidade visual e iniciou uma parceria com o Hospital de Amor de Barretos, referência no tratamento de câncer. A empresa fornecerá toda a carne consumida na instituição, que atende seis mil pacientes por dia de forma gratuita. A parceria com a dupla Chitãozinho e Xororó se mantém. A Marfrig ainda vai apostar em campanhas em supermercados e mídias sociais para ampliar o espaço da Montana. A expectativa é que as vendas das duas linhas da marca representem 60% do total da Divisão Beef da Marfrig no mercado interno. Esse número hoje é de 15% a 20%.

A Montana não terá saída para o mercado externo. Segundo Secco, em mercados como a China, a diferenciação da marca desaparece. Em outros lugares, como Chile, Irã e Europa, essa identificação funciona melhor e já está sendo trabalhada pela empresa.

O padrão da marca são animais com até 36 meses e acabamento de gordura entre 3 mm e 6 mm. De acordo com o CEO, os prêmios pagos aos pecuaristas que vendem gado para a Montana continuarão os mesmos. Todas as unidades frigoríficas da empresa vão produzir cortes das linhas Montana, inclusive as reativadas recentemente.

Frigol pone em marcha planta em Goiás

17 de novembro de 2017 - Com unidade de Cachoeira Alta, empresa vai aumentar sua capacidade de abate de bovinos em 25%

A Frigol anunciou nesta sexta-feira a incorporação de uma unidade frigorífica em Cachoeira Alta, GO. Com isso, a indústria aumenta em 25% sua capacidade de abate de bovinos, atingindo 60 mil cabeças/mês e 180 mil toneladas de carne/ano. Esse negócio coloca a Frigol na 4ª posição entre as indústrias frigoríficas nacionais.

Com o arrendamento, a empresa passa a atuar com plantas em três Estados: São Paulo (Lençóis Paulista), Pará (São Félix do Xingu e Água Azul do Norte) e, agora, Goiás (Cachoeira Alta).

O frigorífico de Cachoeira Alta faz parte da Rodopa Alimentos e estava desativado. A unidade processa carne resfriada e congelada, miúdos e subprodutos tanto para o mercado interno quanto externo – Hong Kong, Egito, Arábia Saudita, Vietnã e outros países.

A Frigol investirá cerca de R\$ 5 milhões em equipamentos e na melhoria da infraestrutura para o início dos abates, processo que deve estar concluído em meados de dezembro de 2017. A planta tem capacidade para abater 600 bovinos/dia e incorporará cerca de R\$ 360 milhões/ano à receita da Frigol. Serão gerados cerca de 400 empregos diretos para a reativação do frigorífico.

"Trata-se de uma unidade moderna e de bom porte, em um mercado muito importante e com boa oferta de gado, que se ajusta perfeitamente à estratégia de crescimento da Frigol", explica o CEO Luciano Pascon. "A Frigol permanece atenta ao mercado, de olho em oportunidades estratégicas para novo ciclo de crescimento, com o respaldo de uma gestão financeira equilibrada, voltada para a geração de resultados para os stakeholders e foco em produtos de maior valor agregado".

A Frigol projeta receita líquida de R\$ 1,4 bilhão em 2017. As exportações representam cerca de 22% da produção da empresa. A produção é distribuída para todo o Brasil e exportada para mais de 60 países da América do Sul, Europa, Oriente Médio, Ásia e África.